

A subida de clíticos em português clássico: descrição e implicações teóricas*

Aroldo Leal de Andrade

Universidade Estadual de Campinas

Abstract

This article presents the results of a corpus-based research on sentences with “restructuring” predicates in Classical Portuguese. The analysis shows that different factors influence the occurrence of clitic climbing, including the contexts for clitic placement in Portuguese. The main theoretical implication is that the motivation for variation in clitic climbing should be placed not on the nature of infinitival complements, but on the higher part of sentence structure. The diachronic changes related to clitic placement in the corpus are equally described and a sketch of analysis assuming a monoclausal analysis for complex predicates is put forth.

Keywords/Palavras-chave: Classical Portuguese, clitics, complex predicates, word order / Português Clássico, clíticos, predicados complexos, ordem de palavras.

1. Introdução

A colocação de clíticos em Português Clássico (PCI) apresentava variação entre próclise e ênclise em maior quantidade de contextos que o Português Europeu contemporâneo (PE). A próclise era encontrada, para além das sentenças com “elementos proclisadores” (como o marcador de negação sentencial, certos sintagmas quantificados ou focalizados, complementadores e certos advérbios), em sentenças que hoje apresentam ênclise obrigatória, como aquelas com sujeito pré-verbal (cf. Martins, 1994; Galves *et al.*, 2006, entre outros). Diante desse quadro, interessa-nos pesquisar a colocação de clíticos de orações infinitivas no PCI em que é possível a formação de um predicado complexo com o domínio superior.

Este trabalho analisa a subida de clíticos, fenômeno restrito a predicados complexos em que um clítico vinculado a um domínio não-finito pode ser realizado junto a um verbo superior. Há dois tipos de predicados complexos, classificados quanto à classe do verbo que rege o complemento não-finito: (i) predicados de “reestruturação” (cf. Rizzi, 1982), com um verbo de controlo pelo sujeito ou de elevação, e (ii) predicados de “união de orações” (cf. Aissen & Perlmutter, 1983; construção também denominada “*fazer*-infinitivo” por Kayne, 1975), com um verbo causativo ou perceptivo. Os resultados referem-se tão-somente aos

* Este trabalho foi realizado no âmbito da bolsa de doutoramento financiada pela FAPESP (DR 06/50256-8) e pela CAPES (BEX 1605/08-9). Agradeço a Sonia Cyrino, Charlotte Galves, Ana Maria Martins, Ian Roberts e ao parecerista pelas sugestões a versões anteriores deste artigo.

predicados de “reestruturação”, uma vez que seu número de ocorrências mostrou-se significativo para um estudo quantitativo.

As estruturas de reestruturação têm sido objeto de um grande número de análises teóricas, que podem ser organizadas, para os objetivos a que este estudo se propõe, em torno de duas grandes hipóteses:

Hipótese teórica 1 (sobre a motivação para a opcionalidade da subida de clíticos): A variação na subida de clíticos se deve à variação na parte da numeração sintática referente ao domínio infinitivo (falta de categorias ou de traços ligados a categorias).

Hipótese teórica 2 (sobre a presença de Tempo no domínio infinitivo): O domínio infinitivo sempre projeta Tempo; porém, quando há formação de predicado complexo, esse Tempo é dependente do Tempo projetado no domínio mais alto.

A hipótese teórica 1 foi implementada, no PE, pelos trabalhos de Martins (2000) e Gonçalves (1999). Enquanto o primeiro assume que a seleção semântica de determinados verbos varia entre estruturas funcionais mais ou menos ricas (um ΣP ou um TP), este propõe que os verbos que formam predicado complexo permitem um complemento com Tempo ativo ou defectivo (portanto, também assume explicitamente a hipótese teórica 2). Mais recentemente, a hipótese teórica 1 foi questionada por Cinque (2004), com base na ideia de que a estrutura sintática envolvida na reestruturação é sempre a mesma, independentemente da ocorrência de efeitos de transparência como a subida de clíticos: os verbos de reestruturação sempre ocupariam, nessa abordagem, alguma posição frásica no domínio funcional da oração. Esse autor denominou a oposição à hipótese 1 de **Hipótese Forte**. Evidentemente, a adoção da hipótese forte implica a negação da hipótese 2, uma vez que a estrutura sintática assumida é mono-oracional, ou seja, o verbo regente e o verbo não-finito ocupam ambos uma mesma projeção frásica; assim, não pode haver uma projeção de Tempo específica ao domínio infinitivo.¹

Como este é um **estudo baseado em corpus**, nosso objetivo será verificar se as hipóteses teóricas enunciadas são compatíveis com as evidências empíricas, inclusive as de ordem quantitativa (cf. Tognini-Bonelli, 2001). Para a realização da pesquisa, tomou-se como objeto de análise um *corpus* de textos literários do século XVI a XIX (parte integrante do CTB),² do qual foram extraídas frases como as seguintes:

¹ No entanto, a negação da hipótese 2 não implica necessariamente a hipótese forte: veja-se proposta de Wurmbrand (2003), em que certos verbos podem ter um complemento infinitivo TP ou vP, sendo que, nesse último caso, forma-se um predicado complexo.

² Os textos foram extraídos do Corpus Tycho Brahe (CTB). Os exemplos são identificados pelo sobrenome do autor (e nome do texto, quando for o caso). Para efeito de periodização dos textos, toma-se como critério a data de nascimento do autor, com a seguinte distribuição: **Século XVI**: Fernão Mendes Pinto. *Perigração*; Francisco de Holanda. *Da Pintura Antiga*; Diogo do Couto. *Décadas* (Vol 1); Frei Luís de Sousa. *A Vida de D. Frei Bertolameu dos Mártires*; Francisco Rodrigues Lobo. *Côrte Na Aldeia e Noites de Inverno*. **Século XVII**: Manuel da Costa. *Arte de Furtar*; Pe. António Vieira. *Cartas* (Tomo I); e *Sermões*; D. Francisco

- (1) a. ... que lhe podem dar tôda a vantagem nas diversões. (M.^{essa} Alorna, 1750)
 b. ... quero-lhe fazer hum queixume contra muitos... (Holanda, 1517)
 c. Devemos responder-lhe que eles são os que erram. (Verney, 1713)

Somente as sentenças com um verbo regente numa forma finita e um verbo no infinitivo não-pessoal foram selecionadas para fins de quantificação. Os dados com complementos não-finitos no gerúndio e no particípio passado apresentavam subida obrigatória, como ainda se observa em PE (cf. Magro, 2004). O clítico pode elevar-se para um verbo no infinitivo flexionado ou no gerúndio, porém tais dados poderiam enviesar os resultados quanto à colocação de clíticos, tendo em vista as propriedades especiais da cliticização com tais formas verbais (preferência pela próclise com os primeiros e pela ênclise com os segundos):

- (2) a. ... mas o temor de nos podermos concertar com Castela é de tanta consideração, que não importa menos que a firmeza ou ruína de França. (Vieira, *Cartas*, 1608)
 b. Começando-me a aplicar a este exercício há muitos anos, acho-me sem dúvida alguma com bastante esperteza nesta dita ciência... (Cavaleiro, 1702)

No quadro seguinte quantificam-se os contextos tidos em conta para este estudo, distribuídos em metades de séculos, com a informação sobre a ocorrência da subida de clíticos.

		Subida	Não-subida	Total
Séc. XVI	1 ^a . Metade	315	18	333
	2 ^a . Metade	172	29	201
Séc. XVII	1 ^a . Metade	562	156	718
	2 ^a . Metade	189	112	301
Séc. XVIII	1 ^a . Metade	300	168	468
	2 ^a . Metade	94	139	233
Séc. XIX	1 ^a . Metade	61	60	121
TOTAL		1693	682	2375

Quadro 1: Ocorrências de orações com clíticos passíveis de reestruturação

Manuel de Melo. *Cartas Familiares*; António das Chagas. *Cartas Espirituais*; Manuel Bernardes. *Nova Floresta*; José da Cunha Brochado. *Cartas*; Maria do Céu. *Rellação da Vida e Morte da Serva de Deus a Venerável Madre Elenna da Crus*; André de Barros. *Vida do Apostolico Padre António Vieira*; D. Jeronymo Contador de Argote. *Regras da Lingua portugueza, espelho da lingua latina*; Alexandre de Gusmão. *Cartas*. **Século XVIII**: Francisco Xavier Cavaleiro de Oliveira. *Cartas*; Matias Aires. *Reflexões sobre a Vaidade dos Homens e Carta sobre a Fortuna*; Luís António Verney. *Verdadeiro Método de Estudar*; António da Costa. *Cartas do Abade António da Costa*; Correia Garção. *Obras*; Marquesa de Alorna. *Inéditos. Cartas e Outros Escritos*; Almeida Garrett. *Viagens na Minha Terra*. **Século XIX**: Marquês da Fronteira e d'Alorna. *Memórias do Marquês da Fronteira e d'Alorna*; Ramalho Ortigão. *Cartas a Emília*.

O número variável de sentenças em cada metade de século é resultante não só do tamanho irregular do *corpus*, como também do uso variável, pelos autores, dos contextos sintáticos que permitem a subida de clíticos. Por essa mesma razão, buscou-se coletar e analisar todas as sentenças disponíveis, excetuando-se, contudo: as sequências verbais com mais de uma forma não-finita (como já mencionado), os critérios elencados em Gonçalves (1999) para a ocorrência de “reestruturação”, como a ausência do marcador de negação sentencial *não* e do complementador finito *que* entre verbo regente e verbo infinitivo; e os clíticos com vinculação ambígua entre os domínios finito ou infinitivo, ou seja, os clíticos *se* com valor nominativo (impessoal) ou passivo.

No que toca à colocação de clíticos, enquanto a ênclise e a próclise ao verbo regente e a ênclise ao verbo infinitivo são opções disponíveis com qualquer verbo de reestruturação, a próclise ao verbo infinitivo é restrita às sentenças que apresentam a preposição *de* selecionada por verbos regentes como *acabar*, *deixar*, *desejar*, *haver*, *ousar* e *ter*. Como alguns desses verbos apresentavam variação de regência, os dados a serem analisados em separado tomam por base a presença da preposição *de*, e não a entrada lexical dos verbos. Indicaremos sempre que necessário se esse conjunto de dados está ou não incluído nas quantificações apresentadas.

O texto se desenvolve a partir das seguintes questões, que norteiam, respectivamente, as seções 2 a 4:

Questão 1: Que fatores são responsáveis pela variação na ocorrência da subida de clíticos no PCI?

Questão 2: O que os resultados sugerem a respeito das teorias sobre formação de predicados complexos?

Questão 3: Quais são os resultados diacrônicos e o que eles sugerem sobre a mudança nos dados do PCI?

2. Descrição da variação

A nossa análise para a variação no PCI (abstraindo a variável diacrônica) partiu das seguintes hipóteses, referentes à Questão 1:

Hipótese descritiva 1 (sobre as possibilidades de colocação do clítico): A colocação de clíticos em predicados de reestruturação segue os contextos de colocação de clíticos válidos em orações independentes.

Hipótese descritiva 2 (sobre a auxiliaridade do verbo regente): A maior associação de características de auxiliar ao verbo regente favorece a subida de clíticos.

Hipótese descritiva 3 (sobre a relação entre função gramatical do clítico e domínio sintático): O clítico *se* inerente e os clíticos reflexivos sofrem subida com menor frequência, se comparados com clíticos que exercem outras funções gramaticais.

Hipótese descritiva 4 (sobre a presença de elementos intervenientes): A interrupção da adjacência entre o verbo regente e o verbo infinitivo desfavorece a subida de clíticos.

A hipótese 1, também denominada aqui de **Hipótese Nula**, tem por objetivo verificar os limites da variação na colocação de clíticos. Por outro lado, as hipóteses 2 a 4 referem-se à variação entre a ocorrência ou não-ocorrência da subida de clíticos, em abstração da distinção próclise/ ênclise. As correlações provêm da literatura sobre variação na subida de clíticos (cf. p. ex. Davies, 1997), exceto a hipótese 3, que será motivada mais adiante.

Vejam os resultados referentes à hipótese descritiva 1, primeiramente nos dados em que o verbo regente não seleciona a preposição *de*, no Quadro 2.

	cl-V_{reg} V_{inf}	V_{reg}-cl V_{inf}	V_{reg} V_{inf}-cl	Total
Próclise categórica	1046 (76%)	1 (1%)	320 (23%)	1367
Variação	257 (47%)	51 (10%)	231 (43%)	539
Ênclise categórica	0 (0%)	24 (30%)	56 (70%)	80
TOTAL	1303 (65%)	76 (4%)	607 (30%)	1986

Quadro 2. Distribuição da colocação de clíticos face ao contexto sintático (sem preposição *de*)

Os dados confirmam a hipótese nula, uma vez que as previsões são: que o contexto de próclise categórica não aceite a ênclise ao verbo regente; e que o contexto de ênclise categórica não aceite a próclise ao verbo regente (a ênclise ao verbo infinitivo é permitida em todos os contextos), o que de fato se obtém, com uma exceção somente.³ Além disso, é notável que a subida de clíticos seja muito mais frequente nos dados em contexto de próclise categórica (76% contra 57% dos dados em contexto de variação e 30% dos dados em contexto de ênclise categórica). Isso aponta para uma nova correlação, que poderíamos formular da seguinte maneira:

Hipótese descritiva 5 (sobre os contextos de colocação de clíticos): A presença de um proclisador favorece a subida de clíticos.

O Quadro 3 a seguir mostra os resultados de colocação com os complementos infinitivos regidos pela preposição *de*, que permitem a próclise ao infinitivo.

	cl-V de V	V-cl de V	V de cl-V	V de V-cl	Total
Próclise categórica	252 (87%)	0 (0%)	13 (5%)	23 (8%)	288
Variação	55 (63%)	7 (8%)	10 (11%)	16 (18%)	88
Ênclise categórica	0 (0%)	0 (0%)	1 (7%)	12 (93%)	13
TOTAL	307 (80%)	7 (1%)	24 (6%)	51 (13%)	389

Quadro 3. Distribuição da colocação de clíticos face ao contexto sintático (com preposição *de*)

³ A exceção identificada pode ser atribuída ao caráter variante do advérbio *assim* enquanto elemento proclisador:

(i) e assim podemo-nos dispensar de a escrever. (Verney, 1713)

Observa-se que, num total de 288 sentenças em contexto de próclise categórica, não houve sequer um dado de ênclise ao verbo regente (não houve dados de clíticos elevados em contexto de ênclise categórica). Portanto, tem-se aqui a confirmação da hipótese nula nos dados com preposição *de*. Os dados também confirmam a hipótese descritiva 5 (87% de subida em contexto de próclise categórica contra 71% em contexto de variação e 0% em contexto de ênclise categórica) e mostram que a preposição complementadora não bloqueia a subida, mas também serve como apoio fonológico para o clítico (uma pequena quantidade de dados espalhados pelos três contextos ocorre em próclise ao verbo infinitivo, que consiste numa ênclise à preposição para a fonologia).⁴

Passemos à análise da hipótese descritiva 2, que remete ao estatuto de auxiliar do verbo regente. No que toca ao tipo de verbo regente, adotarei, da mesma forma que Magro (2004), uma classificação sintático-semântica em: verbos de controlo de sujeito e de elevação, estes subdivididos em semi-auxiliares temporais, aspectuais e modais.⁵ Dessa forma, elaborou-se a seguinte quantificação, que inclui todos os dados:

	Subida	Não-subida	Total
Controlo	431 (68,6%)	197 (31,3%)	628
Elevação	1262 (72%)	485 (28%)	1747
Semi-auxiliares temporais	423 (76,7%)	128 (23,2%)	551
Semi-auxiliares aspectuais	163 (69%)	73 (30%)	236
Semi-auxiliares modais	676 (70,4%)	284 (29,5%)	960

Quadro 4. Ocorrência da subida de clíticos face à classe do verbo regente

Observa-se, a partir da análise do Quadro 4, a falta de resultados significativos baseados na classe verbal do verbo regente: cada uma apresenta cerca de 70% de subida de clíticos, exceto os semi-auxiliares temporais, que apresentam índice um pouco mais elevado. Em vez disso, tendo em vista sugestão de Davies (1997), outro critério é proposto: os verbos mais frequentes apresentam maiores índices de subida de clíticos. Esse critério demonstra, por um lado, o efeito de *continuum* ligado aos verbos auxiliares, como descrito por Gonçalves & Costa (2002) e, ao mesmo tempo, reflete um processo de gramaticalização (incompleto) que é dependente da frequência do item lexical, como resumido em Bybee (2003). Para tanto, foi elaborada a lista de verbos em (3), que se baseou no número de ocorrências no *corpus* (maior ou menor que cinquenta) como critério de classificação do nível de frequência; confira também a quantificação no Quadro 5.

⁴ Notou-se que os dados com ênclise ao verbo regente, encontrados em contexto de variação, limitam-se ao verbo *haver*. No entanto, o devido aprofundamento dessa questão ultrapassaria os objetivos deste artigo.

⁵ *Haver* foi sistematicamente classificado como semi-auxiliar temporal, apesar de também apresentar outros valores semânticos.

- (3) a. Verbos mais frequentes: *querer, saber* (controlo); *haver, ir, vir* (temporal); *tornar* (aspectual); *poder, dever* (modal)
 b. Verbos menos frequentes: *ousar, tentar, desejar, esperar, estimar, pretender, procurar, tomar* (controlo); *acabar, começar, continuar, costumar, chegar, deixar, estar, ficar, sair, soer* (aspectual) e *ter* (modal).

	Subida	Não-subida	Total
Verbos mais frequentes	1566 (74,2%)	543 (25,8%)	2109
Verbos menos frequentes	127 (47,8%)	139 (52,2%)	266

Quadro 5. Ocorrência da subida de clíticos face à frequência do verbo no corpus

Enquanto os verbos mais frequentes apresentam 74,2% de subida de clíticos, esse percentual cai para 47,8% com os verbos menos frequentes. Uma vez identificado esse critério, os índices mais altos de subida com os semi-auxiliares temporais encontrados no Quadro 4 podem ser relacionados com sua pertença, sem exceção, à classe dos verbos mais frequentes. Tem-se, portanto, a confirmação da hipótese descritiva 2.

Passemos agora aos resultados referentes à hipótese descritiva 3, que analisa a função gramatical do clítico, cujos resultados apresentam-se no quadro a seguir.

	Subida	Não-subida	Total
Clíticos reflexivos e <i>SE</i>	337 (62,6%)	201 (37,4%)	538
Clíticos argumentais	1149 (72,7%)	431 (17,3%)	1580
Clíticos contraídos	66 (82,5%)	14 (17,5%)	80
Clíticos com outras funções	141 (79,6%)	36 (20,4%)	177

Quadro 6. Ocorrência da subida de clíticos face à função gramatical do clítico

Observa-se que os dados referentes aos clíticos reflexivos (*me, te*, etc.) e ao clítico *se*, utilizado primordialmente como elemento inerente ao verbo infinitivo, mas também como anticausativo, apresentam os menores índices de subida, cerca de 10% mais baixos que os clíticos argumentais (com valor acusativo ou dativo). A motivação para se postular uma diferença entre os clíticos reflexivos/ inerentes e os clíticos argumentais diz respeito à sua maior vinculação semântica ao verbo infinitivo. Dessa forma, a hipótese descritiva 3 é confirmada.

Nota-se também, a partir do Quadro 6, que clíticos contraídos (*mo, to*, etc.) têm percentuais de subida cerca de 10% mais altos que os clíticos argumentais usados em separado. Clíticos com outras funções (elemento de oração pequena, dativo ético ou possessivo) apresentam um nível mais elevado de subida. No entanto, essas duas últimas categorias serão deixadas de lado, pois sua análise detalhada ultrapassaria os objetivos deste estudo.

Finalmente, observe-se o Quadro 7, com os resultados relativos à presença e tipo de elementos intervenientes, relação apontada na hipótese descritiva 4 (que inclui só os dados com um elemento interveniente, sem contar a preposição selecionada pelo verbo regente):

	Subida	Não-subida	Total
Adjacência V-V	1610 (73%)	576 (27%)	2208
Quebra da adjacência V-V	81 (50%)	81 (50%)	162
PP	5 (38,5%)	8 (61,5%)	13
NP	36 (44%)	46 (56%)	82
Advérbio	40 (60%)	27 (40%)	67

Quadro 7. Ocorrência da subida de clíticos face à presença de elementos intervenientes

Enquanto os dados sem elemento interveniente, ou seja, com adjacência V-V apresentam cerca de 72% de subida, os dados com quebra da adjacência V-V apresentam 50%. Ao perscrutar os tipos de elementos intervenientes, nota-se que o índice de subida varia entre 38,5% e 60%, sendo que sintagmas preposicionais (PPs) ou nominais (NPs) têm menor índice de subida. Portanto, confirma-se também a hipótese descritiva 4, formulada em torno da seguinte ideia: se a sequência verbo regente+verbo infinitivo é quebrada, o complemento infinitivo tende a ser interpretado como domínio sintático separado, e não como parte de um predicado complexo juntamente com o verbo regente.

É interessante observar detalhes sobre a natureza dos elementos intervenientes. Os PPs encontrados entre os dois verbos podem funcionar tanto como um argumento dativo (*a Vossa Mercê*) quanto como um adjunto (*com razão, em minha casa, de propósito*, entre outros). Os NPs realizam sempre o sujeito pós-verbal. Os advérbios, por sua vez, podem modificar tanto o sintagma verbal (*bem, já, logo* etc.) quanto a sentença inteira (*finalmente, pessoalmente, porventura* etc.).

Em suma, os fatores responsáveis pela variação na subida de clíticos no PCI identificados neste estudo são quatro: os contextos de colocação de clíticos; o nível de auxiliaridade do verbo regente; a função gramatical do clítico; e o nível de adjacência entre verbo regente e verbo infinitivo. Nota-se, em comparação com os fatos de PE descritos em Gonçalves (1999) e Magro (2004), que a subida de clíticos no PCI é encontrada numa maior liberalidade de contextos.

3. Implicações teóricas

Passemos agora à análise da Questão 2, que pretende relacionar os resultados alcançados na secção anterior às hipóteses teóricas enunciadas na introdução deste estudo.

A confirmação da hipótese nula tem implicações ortogonais às análises teóricas. De fato, é possível dissociar, no que se refere aos clíticos, sua posição (alta ou baixa) e sua colocação (próclise ou ênclise). Para tanto, desenvolve-se a hipótese teórica 1 para explicar a primeira, ou seja, o pressuposto de que a variação na estrutura do complemento infinitivo é responsável pela formação de predicados complexos e pela subida de clíticos, juntamente com uma teoria de colocação de clíticos. No entanto, algumas hipóteses descritivas concernentes à variação na aplicação na subida de clíticos questionam parecem opor-se ao pressuposto de dissociação entre posição e colocação de clíticos.

A hipótese descritiva 5 (advinda dos resultados discutidos à guisa de verificação da hipótese descritiva 1) tem implicações que sugerem a infirmação da hipótese teórica 1. Como já mencionado, temos uma indicação da (inesperada) relação entre posição e colocação de clíticos. Ora, para que uma teoria que assuma a hipótese teórica 1 desse conta da hipótese descritiva 5 (confirmada nos dados), seria necessário postular uma correlação entre a falta de categorias (ou traços) do complemento infinitivo e a presença de um proclisador no domínio mais alto. No entanto isso não é possível se a teoria também assumir os pressupostos teóricos minimalistas (p.ex. Chomsky 2000) de que a derivação é construída de baixo para cima (*bottom-up*) e de que a antecipação (*look-ahead*) é um mecanismo banido na computação sintática. Portanto, a análise do *corpus* favorece a hipótese forte, segundo a qual a estrutura sintática do complemento infinitivo é sempre a mesma, independentemente da presença de efeitos de transparência.

A hipótese teórica 2 afirma que há projeção de Tempo no complemento infinitivo. Em outras palavras, considera-se que os predicados complexos implicam uma estrutura bioracional para os predicados complexos, como representado esquematicamente em (4), com os elementos básicos da sentença representados nas posições em que primeiro são concatenados (os elementos S/PRO no Spec,vP mais baixo devem-se à variação já mencionada entre predicados de elevação ou controlo):

$$(4) [_{CP} \dots [_{TP} [_{VP} S [_{VP} V_{reg} [_{TP} [_{VP} S/PRO [_{VP} V_{inf} O]]]]]]]]]$$

Como já enunciado na introdução, a hipótese teórica 2 é forçosamente infirmada se se aceitar a hipótese forte. Dessa forma, não há projeção de Tempo no domínio encaixado e a postulação de uma projeção frásica independente (um TP, em (4)) torna-se desnecessária. Essa é a segunda implicação teórica deste estudo: a de que os predicados complexos envolvem uma estrutura mono-oracional, em que, diferentemente de (4), o verbo regente e verbo infinitivo ocupam posições na mesma projeção frásica (FP designa uma projeção funcional em que o verbo de reestruturação é concatenado, seguindo-se a abordagem de Cinque, 2004):

$$(5) [_{CP} \dots [_{FP} V_{reg} [_{TP} [_{VP} S [_{VP} V_{inf} O]]]]]]]$$

Da mesma forma, os dados advindos da natureza do verbo regente (ou seja, os dados relativos à hipótese descritiva 2) contrariam às hipóteses teóricas elencadas na introdução, pois a teoria que as assumir incorrerá nos mesmos problemas mencionados mais acima, a menos que adote o expediente da *antecipação*.

Os outros resultados mencionados na seção anterior podem conformar-se tanto a uma estrutura bioracional quanto mono-oracional. De fato, o pressuposto de que o clítico inerente ou reflexivo se mantém numa posição baixa (vP ou VP, a depender da abordagem estrutural, cf. hipótese descritiva 3), é irrelevante para a questão da existência de um Tempo encaixado (cf. hipótese teórica 2). O único ponto mais facilmente explicado pelas hipóteses teóricas enunciadas diz respeito à relação entre a adjacência V-V e a subida de clíticos (cf. hipótese descritiva 4), que parece apontar para

a possibilidade de o complemento infinitivo ser interpretado como um domínio independente e, portanto, com categorias (e traços) completos. No entanto, ainda nesse caso poderia ser apontado o problema da antecipação, e a possibilidade de reinterpretar o problema em termos de uma categoria (ou traço) presente na derivação concatenado *acima* do complemento infinitivo, e não nele.

Uma teoria que assuma as hipóteses teóricas 1 e 2 pode, no entanto, assumir um sistema que lide com a questão da geração excessiva de estruturas, o que implica o “descarte” de derivações com incompatibilidade sintático-semântica *a posteriori*.⁶ Esse é o pressuposto implicitamente assumido em Gonçalves & Matos (2008) para explicar a impossibilidade da Anáfora do Complemento Nulo quando há reestruturação, pois o Tempo defectivo seria incompatível com o licenciamento desse tipo de elipse.⁷ No entanto, a estrutura mono-oracional parece captar os fatos empíricos sem a necessidade de pressupostos adicionais sobre a estrutura desses complementos.

Uma evidência adicional para se postular uma estrutura mono-oracional para os predicados complexos do PCI consiste na posição do sujeito, que pode seguir o verbo regente (como ainda ocorre em PE; cf. Gonçalves, 1999) ou o verbo infinitivo:

(6) V_{reg} S V_{inf}

- a. que lá me poderia *Deos* abrir algum caminho (Mendes Pinto, 1510)
- b. como me hei *eu* de injuriar de que me conheçam? (Melo, 1608)
- c. mas, nisto mesmo, nos quis *o destino* contrariar (M.^{es} Alorna, 1802)

(7) V_{reg} V_{inf} S

- a. como Vos não hei-de louvar *eu*, Deus da minha alma, em todo lugar e tempo? (Sousa, 1556)
- b. Mas qual é, ou pôde ser a razão porque onde dois homens tão grandes, tão qualificados e tão santos, como Job e São Paulo, não reconhecem nada de culpa, lh'a haja de arguir *Deus*, e pedir-lhes conta? (Pe. Vieira, *Sermões*, 1608)
- c. Sendo assim, não o pode vencer *a vaidade* (Aires, 1705)

Os exemplos acima encerram verbos regentes de elevação de sujeito com subida de clítico. Enquanto as sentenças em (6) podem ser derivadas por movimento do verbo para C com o DP sujeito na posição canônica (Spec,TP), os dados em (7) parecem apresentar um problema para a estrutura bioracional implicada com a assunção da hipótese teórica 2: o sujeito não pode ser licenciado no domínio não-finito, uma vez que a categoria responsável pela atribuição de Caso nominativo é defectiva (T ou AgrS); no entanto, ele ocorre após o verbo infinitivo. Dessa forma, os dados em (7) podem ser melhor explicados com a estrutura mono-oracional em (5), e com o pressuposto

⁶ Para uma proposta que assume a geração excessiva (*overgeneration*) de estruturas, cf. Borer (2005).

⁷ Veja-se o contraste a seguir (retirado de Gonçalves & Matos, 2008: 215, ex. (48)):

- (i) a. Ela não podia vê-las e ele não queria _.
- b. *Ela não as podia ver e ele não as queria _.

complementar de que o sujeito pode ser licenciado na posição em que é gerado (Spec,vP). Tal ideia dá suporte às observações de Paixão de Sousa (2004) a respeito da estrutura da sentença prevalecente até o início do século XVIII, em que havia maior número de estruturas VS como resultado da inversão românica: um constituinte (argumental ou não) é frontado para ocupar a primeira posição da sentença num sistema V2.⁸

Uma vez que uma estrutura mono-oracional é assumida, coloca-se a questão de como captar a variação na ocorrência da subida de clíticos. De fato, a proposta de Cinque (2004) não entra em detalhes sobre essa questão. Sugere-se, seguindo Boeckx & Gallego (2008) e Roberts (a sair), que um conjunto não-interpretável de traços- ϕ com um subtraço EPP pode estar opcionalmente presente na projeção funcional que abriga o verbo de reestruturação. Isso é possível dada a assunção de que tais traços são substantivos, mas não formais. Ou seja, a presença desse traço tem de ter um efeito na interpretação da sentença. Sugere-se que a subida de clíticos envolve um tipo de focalização, o que pode ser verificado a partir do contraste entre *não me vou casar* e *não vou casar-me*: a primeira é utilizada num contexto específico (noivos, data, etc. conhecidos), mas não a segunda. Dessa forma, a hipótese forte é formulada em termos de uma numeração diferente, mas não no que toca à parte da sentença relativa ao domínio infinitivo, porém naquela relativa ao domínio mais alto, em que se situa o verbo regente.

A presente secção mostrou, portanto, que uma análise que assuma as hipóteses teóricas 1 e 2 é menos adequada para explicar os resultados descritivos obtidos anteriormente do que uma análise que assuma a hipótese forte. Uma evidência central nesse sentido diz respeito à imbricação entre a derivação da posição e da colocação de clíticos.

Vejam os seguintes resultados descritivos em termos da mudança sofrida pelas construções sujeitas à “reestruturação”, assim como suas implicações.

4. Descrição da mudança e suas implicações teóricas

Esta secção aborda a Questão 3, ou seja, os dados vistos em perspectiva diacrônica e suas implicações teóricas. A partir da análise dos dados do *corpus* distribuídos por metades de século, observa-se a diminuição na aplicação da subida de clíticos que, de quase obrigatória no século XVI, passa a apresentar quantidade igual ou menor de dados que a não-subida a partir do século XVIII, o que é mostrado na Figura 1 abaixo, que leva em consideração todo o conjunto de 2375 dados. Observa-se uma diminuição na ocorrência da subida de clíticos (os dados incluem tanto a próclise quanto a ênclise ao verbo regente), que estava presente em mais de 90% dos casos nos primeiros textos estudados e, nos últimos, atinge níveis próximos dos 50%. Essa é a nossa **primeira observação diacrônica**. Tal curva de mudança reflete a aplicação quase obrigatória da subida de clíticos no português medieval e aponta para o caráter restrito do fenômeno no PE (cf. Martins, 1994; Davies, 1997). O maior espectro de variação

⁸ Uma questão a ser implementada teoricamente diz respeito ao licenciamento do sujeito baixo, tendo em vista a exigência de satisfação de EPP, sobre a qual este trabalho não toma uma decisão definitiva.

observado no início do século XVIII sugere que a mudança gramatical relacionada à mudança da posição dos clíticos em orações independentes identificada por Galves *et al.* (2006) tem impacto nas orações encaixadas infinitivas.

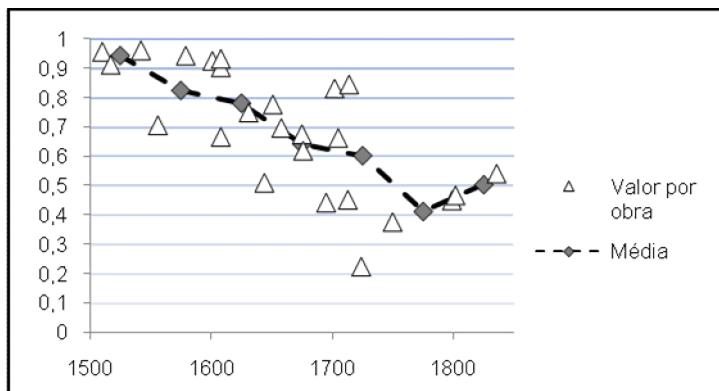


Figura 1: Ocorrência de subida de clíticos (todos os dados)

Observe-se a Figura 2, que mostra a realização das três opções de colocação verificadas nos complementos infinitivos não-regidos pela preposição *de*, nas sentenças em contextos de variação. O gráfico (que apresenta os resultados referentes a um conjunto de 539 sentenças) demonstra que a ênclise ao verbo regente é relativamente constante, com variação limitada entre 5% e 17%. Portanto, a mudança ocorre entre a escolha pela próclise ao verbo regente ou pela ênclise ao verbo infinitivo (**segunda observação diacrônica**). O enfoque nos contextos de variação permite atribuir o aparente acréscimo no número de ocorrências de clíticos elevados observado nas duas últimas metades de século mostradas na Figura 1 ao peso dos dados em contexto de próclise obrigatória, já que nos contextos de variação há quase uma manutenção da frequência de subida de clíticos, em torno dos 23%. Para além disso, a Figura 2 acrescenta uma evidência adicional à conclusão de que há uma imbricação entre posição e colocação de clíticos pois, a partir do estudo de Galves *et al.* (2006) a respeito da colocação de clíticos em orações independentes no PCI, esperaria-se que o número de dados com ênclise ao verbo regente aumentasse a partir do século XVIII. Ao contrário disso, verifica-se que a posição intermediária (ênclise ao verbo regente) é limitada e estável mesmo após o período em que a ênclise vem a suplantar a próclise nos contextos de variação de orações independentes (**terceira observação diacrônica**).

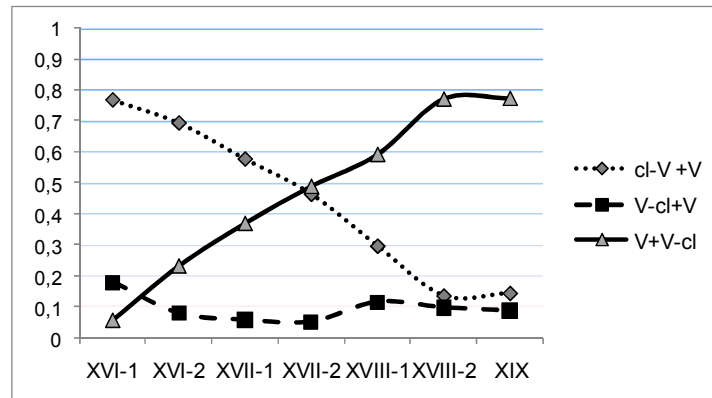


Figura 2. Distribuição da colocação de clíticos passíveis de reestruturação (contextos de variação)

A fim de delinear um modelo de mudança consistente com as observações diacrônicas mencionadas, partimos do trabalho de Martins (2004), que assume um progressivo enriquecimento da estrutura funcional dos complementos infinitivos de “reestruturação” e de “união de orações” (um desenvolvimento da hipótese teórica 1). Apesar de a intuição de Martins parecer correta, gostaríamos de reinterpretar sua implementação sintática em termos de uma estrutura mono-oracional para a construção de “reestruturação”, tendo em vista as conclusões alcançadas na secção 3. Para tanto, considera-se que o conjunto de traços- ϕ na periferia esquerda da sentença tinha um caráter obrigatório no português medieval, tendo em vista a existência de uma posição dedicada à focalização nessa língua, conforme Ribeiro (1995). A partir do século XVI a subida de clíticos passa a ser claramente opcional, pois não há mais uma posição dedicada à focalização, e o clítico se move somente até a projeção ocupada pelo verbo de reestruturação. Dessa forma, o caráter gradual da perda de subida de clíticos (expresso pela primeira observação diacrônica) parece ser captado, uma vez que se trata de um movimento cuja natureza diz respeito mais propriamente à Língua-Externa.

Para a explicação da segunda e da terceira observações diacrônicas, deve-se especificar o tipo de teoria sobre colocação de clíticos a ser adotada e sobre a divisão de tarefas entre a derivação da posição e da colocação de clíticos. Sobre essa questão, parte-se do pressuposto de que tais mecanismos são regidos respectivamente pela sintaxe e pela morfologia, seguindo ideia de Galves *et al.* (2005). Portanto, a subida de clíticos gera, de início, a próclise, e sua não-aplicação (resultante da inexistência do conjunto de traços- ϕ na projeção que abriga o verbo regente) gera a ênclise ao verbo infinitivo. Tem-se aí uma provável explicação para a segunda observação descritiva.

Segundo a proposta de Galves & Sandalo (2004), a ênclise é derivada da próclise por meio de um movimento pós-sintático, formulado em termos da impossibilidade de o clítico ocupar a primeira posição do sintagma entoacional (IntP) e, a partir do século XVIII, de I'. Se adotarmos a ideia adicional de que a projeção ocupada pelo verbo regente (para a qual o clítico se move) é mais alta que IP, como a proposta de Cinque

(2004) sugere, tem-se que a ênclise continuará sendo uma opção limitada, mesmo após generalização da ênclise em sentenças independentes no PE. Isso, juntamente com o fato de que a próclise era a opção de colocação prevalecente no PCI, oferece uma explicação para a terceira observação descritiva.

Esta seção apresentou três observações diacrônicas feitas a partir da observação da mudança na colocação de clíticos passíveis de reestruturação no *corpus* estudado. Foram apresentadas algumas ideias que permitem explicar os resultados observados de forma consistente com as implicações teóricas esboçadas na seção anterior. No entanto, enfatiza-se que as considerações realizadas têm caráter impressionístico, e carecem de desenvolvimento em trabalho futuro.

5. Conclusão

Este estudo observou que há vários fatores condicionantes da variação na subida de clíticos no PCI, como a auxiliaridade do verbo regente, a função gramatical do clítico, a presença de elementos intervenientes e, finalmente, os contextos de colocação de clíticos. Em seguida, duas hipóteses teóricas existentes na literatura foram julgadas menos adequadas para a descrição dos dados. Finalmente, foram esboçados alguns pressupostos para a explicação da mudança observada nos dados de posição e de colocação dos clíticos no período estudado, de acordo com a hipótese forte, que advoga a existência de uma estrutura mono-oracional para as sentenças com verbos de reestruturação.

Referências

- Aissen, Judith & David M. Perlmutter (1983) Clause reduction in Spanish. In David Perlmutter (ed.) *Studies in Relational Grammar 1*. Chicago: The University of Chicago Press, pp. 360-403.
- Boeckx, Cedric & Ángel G. Gallego (2008) Clitic Climbing by (Long Distance) Agree. Manuscrito disponível em: http://seneca.uab.es/ggt/membres/professors/gallego/pdf/Boeckx_Gallego_clitics.pdf.
- Borer, Hagit. (2005) *Structuring Sense*. Vol 1: In Name Only. Oxford: Oxford University Press.
- Bybee, Joan (2003) Mechanisms of change in grammaticization: The role of frequency. In Brian D. Joseph & Richard D. Janda (eds.) *The Handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell, pp. 602-623.
- Chomsky, Noam. (2000) Minimalist Inquiries: The Framework. In Roger Martin, David Michaels, & Juan Uriagereka. *Step by Step*. Cambridge, MA: MIT Press, pp. 89-155.
- Cinque, Guglielmo (2004) "Restructuring" and functional structure. In Adriana Belletti (ed.) *Structures and Beyond. The Cartography of Syntactic Structures*. Oxford: Oxford University Press, pp. 132-191.
- Davies, Mark (1997) A corpus-based approach to diachronic clitic climbing in Portuguese. *Hispanic Journal* 17, pp. 93-111.

- Galves, Charlotte; Helena Britto & Maria Clara Paixão de Sousa (2006) The Change in Clitic Placement from Classical to Modern European Portuguese: Results from the Tycho Brahe Corpus. *Journal of Portuguese Linguistics* 4 (1), pp. 39-67.
- Galves, Charlotte; Ilza Ribeiro & Maria Aparecida Torres Moraes (2005) Syntax and morphology in the placement of clitics in European and Brazilian Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics* 4 (2), pp. 143-177.
- Galves, Charlotte & Filomena Sandalo (2004) Clitic placement in Modern and Classical European Portuguese. *MIT Working Papers in Linguistics* 27, pp. 115-128.
- Gonçalves, Anabela (1999) *Predicados complexos verbais em contextos de infinitivo não preposicionado do Português Europeu*. Dissertação de Doutoramento. Universidade de Lisboa.
- Gonçalves, Anabela & Teresa da Costa. (2002) *(Auxiliar a) Compreender os verbos auxiliares. Descrição e implicações para o Ensino do Português como Língua Materna*. Lisboa: Colibri/ Associação de Professores de Português.
- Gonçalves, Anabela & Gabriela Matos. (2008) Reestruturação e Anáfora do Complemento Nulo em Português Europeu. In Sónia Frota & Ana Lúcia Santos. (orgs.) *XXIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Textos Seleccionados*. Lisboa: APL, pp. 207-233
- Kayne, Richard (1975) *French syntax. The transformational process*. Cambridge, MA: MIT Press.
- Magro, Carolina (2004) O fenómeno de Subida de Clítico à luz de dados não-standard do PE. Manuscrito disponível em: http://www.clul.ul.pt/sectores/variacao/cordialsin/pdfs_publicacoes/magro_2004.pdf.
- Martins, Ana Maria. (1994) *Clíticos na história do português*. Dissertação de Doutoramento. Universidade de Lisboa.
- Martins, Ana Maria. (2000) A Minimalist Approach to Clitic Climbing. In João Costa. (ed.) *Portuguese Syntax. New Comparative Studies*. Oxford: Oxford University Press, pp. 169-190.
- Martins, Ana Maria (2004) Ambiguidade estrutural e mudança linguística: A emergência do infinitivo flexionado nas orações complemento de verbos causativos e perceptivos”. In Ana Maria Brito, Olívia Figueiredo & Clara Barros (eds.) *Linguística Histórica e História da Língua Portuguesa. Actas do Encontro de Homenagem a Maria Helena Paiva*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp. 197-225.
- Paixão de Sousa, Maria Clara. (2004) *Língua Barroca. Sintaxe e história do português nos 1600*. Dissertação de Doutoramento. Universidade Estadual de Campinas.
- Ribeiro, Ilza. (1995) *A sintaxe da ordem no português arcaico. O efeito V2*. Dissertação de Doutoramento. Universidade Estadual de Campinas.
- Rizzi, Luigi (1982) A restructuring rule. In *Issues in Italian Syntax*. Dordrecht: Foris, pp. 1-48.
- Roberts, Ian G. (a sair) *Agreement and Head Movement. Clitics, incorporation and Defective Goals*. Manuscrito. University of Cambridge.
- Tognini-Bonelli, Elena. (2001) *Corpus linguistics at work*. Amsterdam: John Benjamins.
- Wurmbrand, Susanne. (2003) *Infinitives. Restructuring and clause structure*. Berlin/ New York: Mouton de Gruyter.